

Paradigmas e estruturas de pensamento: uma breve passagem por Habermas, Foucault e Bourdieu.

Marco Bettine¹

Gustavo Gutierrez²

Este texto busca construir as categorias fundamentais de Habermas, Foucault e Bourdieu, trazendo ao campo das ciências sociais seus paradigmas e ao final traz um quadro comparativo de suas teorias.

Palavras-Chave: Habermas; Foucault; Bourdieu; Paradigma.

Paradigms and structures of thought: a brief passage through Habermas, Foucault and Bourdieu.

This text seeks to build the fundamental categories of Habermas, Foucault and Bourdieu, bringing their paradigms to the field of social sciences and at the end brings a comparative picture of their theories.

Key words: Habermas; Foucault; Bourdieu; Paradigm.

Paradigmes et structures de la pensée: bref passage à travers Habermas, Foucault et Bourdieu.


Ce texte cherche à construire les catégories fondamentales d'Habermas, Foucault et Bourdieu, en amenant leurs paradigmes dans le champ des sciences sociales et à la fin apporte un tableau comparatif de leurs théories.


Mots clés: Habermas; Foucault; Bourdieu; Paradigme.

Paradigmas y estructuras del pensamiento: un breve pasaje por Habermas, Foucault y Bourdieu.

Este texto busca construir las categorías fundamentales de Habermas, Foucault y Bourdieu, llevando sus paradigmas al campo de las ciencias sociales y al final trae un cuadro comparativo de sus teorías.

Palabras clave: Habermas; Foucault; Bourdieu; Paradigma.

1 Professor da Universidade de São Paulo.
 <https://orcid.org/0000-0003-0632-2943>

2 Professor da Universidade Estadual de Campinas.
 <https://orcid.org/0000-0003-4133-5002>

Introdução

Seja no campo da literatura em geral, ou mais especificamente na produção científica em ciências sociais, contextualizar um texto antes de lê-lo sempre pode contribuir para a sua boa compreensão. Não se trata, obviamente, de subordinar texto e autor às condições e ambientes em que a obra é realizada. Pelo contrário, a genialidade do grande autor está, justamente, em perceber o que a grande maioria das pessoas não percebe e expressar essa percepção de uma forma original e eficiente com relação aos seus objetivos.

Neste sentido, ler a obra de um escritor na ordem em que ela foi escrita também pode ajudar o leitor a perceber a sua evolução, no processo criativo, assim como fornecer sinais a respeito da forma como ambiente, personagens, técnicas literárias e conceitos vão sendo desenvolvidos e transformados com o transcorrer do tempo.

Ler, por exemplo, os livros de Ernest Hemingway na ordem em que foram escritos vão nos mostrar, de um livro para o outro, principalmente no início da carreira, um autor em forte crescimento artístico, com cada vez mais domínio das técnicas literárias e dos recursos novelísticos. Louis Ferdinand Celine, por sua vez, vai se mostrar um autor quase completo já na sua primeira obra, enquanto o resto da sua produção pouco vai evoluir ou tornar-se, no limite, uma redução ou caricatura do texto original. De resto, conhecer a vida e o tempo de Cervantes só pode tornar mais agradável a leitura de Don Quixote.

Todas estas observações podem ser aplicadas aos autores das ciências sociais, mas convém ter em mente algumas especificidades do campo. Enquanto no literato vamos encontrar um papel importante da subjetividade para criar a sua visão de mundo, no autor das ciências sociais, essa forte dimensão subjetiva (que continua tendo um papel muito importante) é mitigada, ou apoiada, pelos autores científicos que vão lhe dar sustentação teórica. Ou, em outras palavras, só uma profunda diferença subjetiva de percepção do real pode explicar as diferenças epistemológicas entre, por exemplo, Durkheim, Marx e Weber. Mas, e aqui está uma das diferenças entre campos, se do lado da literatura há uma longa controvérsia a respeito dos livros que podem ter influenciado Hemingway e Celine, do lado das ciências sociais vamos encontrar um (raro) consenso a respeito de que não há Durkheim sem Comte, ou Marx sem Hegel e Ricardo ou Weber sem Kant.

Esta questão é mais ou menos clara, ou pelo menos passível de ser estudada, se levarmos em conta a linha do tempo, embora seja conveniente lembrar que existem autores, sejam literatos ou científicos que gostam de apagar pistas. Gabriel Garcia Marquez, por exemplo, destruiu todas as provas e ensaios que fez antes de chegar ao formato definitivo de seu livro *Cem anos de solidão*. Por razões óbvias vamos evitar exemplos no campo das ciências sociais. Mas, de uma forma geral, quando um autor acadêmico contemporâneo vai buscar subsídios nos mais antigos é comum que ele mesmo faça as citações correspondentes.

Mas ao deparar-nos com autores que viveram e produziram compartilhando intervalos de tempo próximos a questão é sempre mais nebulosa. Em primeiro lugar porque não se trata mais de comparar duas obras acabadas. Em segundo lugar, entre autores contemporâneos,



sejam literatos ou científicos, sempre existe uma competição para obter, como diria Bourdieu, acesso privilegiado a bens materiais e simbólicos. Num mundo em que os recursos são escassos é comum os pensadores imaginarem que o sucesso de um vai depender, em grande parte, do ostracismo de outro.

Ironias à parte, a questão importante aqui é reter o conceito que sempre é difícil fazer avaliações transversais entre autores do mesmo campo no mesmo período de tempo, levando em conta não só que um autor pode incorporar elementos de outro, mas também o sentido inverso, um autor pode mudar intencionalmente sua exposição para buscar diferenciar-se de outros. Esta questão será retomada no final deste item.

Jürgen Habermas é um dos sociólogos vivos mais importante na atualidade; para alguns, o mais importante. O autor está vivo, com noventa e dois anos de idade, nasceu em 1927. A sua obra, portanto, pode ser considerada contemporânea a de outros autores já falecidos, como Foucault que nasceu em 1926 ou Bourdieu em 1930. Norman Fairclough, outro autor com quem vamos trabalhar, nasce em 1941.

Habermas vai ser assistente de Theodor Adorno entre 1956 e 1959, passa um período trabalhando nos Estados Unidos e volta para a universidade alemã em 1971. Publica uma obra extensa e é um escritor sabidamente profícuo. Sua obra mais importante, os dois volumes de *A Teoria da Ação Comunicativa*, foi publicada originalmente em 1981, o que nos leva a crer que o autor começou a concebê-la no final da década de 1970. É um texto, portanto, com quarenta anos de idade. Isto, se por um lado, não desqualifica o texto de forma nenhuma, por outro lado o situa num momento muito específico da história política.

O texto é de 1981, as primeiras traduções ao espanhol e ao italiano só começaram a circular na segunda metade da década e, em 1989, o mundo assiste à queda do muro de Berlim e a conseqüente falência do socialismo real. Este acontecimento vai ter um impacto enorme nas mais diferentes esferas da sociedade, inclusive na questão do debate teórico no campo da produção em ciências humanas. A falência do socialismo real é percebida, num primeiro momento, como sinal de profundo enfraquecimento das correntes teóricas baseadas no marxismo e materialismo dialético. Mas logo todo o arcabouço teórico do campo das humanidades, gestado no século XIX pelos autores clássicos, passa a ser também questionado. Podemos destacar as observações de Claus Offe sobre o fim da centralidade da categoria trabalho enquanto categoria macrosociologicamente determinante (1989a; 1989b). Não é mais o marxismo que está em questão, mas toda produção teórica que adota a categoria trabalho enquanto elemento explicativo importante ou, em outros termos, estamos frente ao fim do paradigma trabalho nas ciências humanas, arrastando junto com Marx os outros autores clássicos como Durkheim ou Weber, independente de diferenças específicas que os modelos de interpretação sociológica possam apresentar.

Convém destacar aqui que estamos falando da crítica a vários autores diferentes, mas que trabalham num período de tempo próximos e compartilham uma mesma região geográfica, além da superação do paradigma epistemológico que adotaram. Sempre nos apoiando em Offe, o que vai dar sinais de esgotamento não é simplesmente a escola de pensamento de um autor, mas o paradigma compartilhado por vários autores. Nesta mesma linha de raciocínio,



não há motivos para imaginar o 'novo' paradigma como a criação de um autor específico, que funda uma escola de pensamento e arregimenta um número grande de seguidores. Faz mais sentido imaginar que: (a) o 'novo' paradigma vai se tornar visível através da observação de vários autores que trabalham no mesmo período de tempo e compartilham um espaço geográfico próximo, e (b) que estes autores tendem a competir entre eles, apesar de adotando o mesmo paradigma como base para elaboração das suas categorias de análise.

O desafio teórico aqui é: (a) ilustrar um núcleo paradigmático mínimo dos autores, (b) demonstrar que existem elementos comuns entre eles e, (c) apresentar ao leitor que estes elementos são suficientemente significativos a ponto de permitir concluir que eles compartilham elementos do paradigma anteriormente descrito.

1. Habermas (1929-)

A Teoria da Ação Comunicativa (TAC), como o próprio nome diz, é uma teoria, ou seja, uma explicação abrangente das relações entre os seres humanos, visando sua compreensão a partir da utilização de um modelo explicativo específico. É uma teoria que se fundamenta no conceito de ação, entendida como a capacidade que os sujeitos sociais têm de interagirem intra e entre grupos, perseguindo racionalmente objetivos que podem ser conhecidos pela observação do próprio agente da ação. Habermas vai priorizar, para a compreensão do ser humano em sociedade, as ações de natureza comunicativa. Isto é, as ações referentes à intervenção no diálogo entre vários sujeitos. É, portanto, uma teoria da ação comunicativa.

A teoria se baseia em categorias bastante claras, o que facilita a sua utilização em pesquisas distintas, e até mesmo a apropriação de uma ou outra categoria fora do seu contexto original. As taxonomias fundamentais são:

- O mundo da vida (MV), onde se dá a busca comunicativa de consensos através da ação comunicativa.
- Os subsistemas dirigidos pelo meio poder (conceito próximo à esfera da política ou o Estado) e pelo meio moeda (idem mercado) onde ocorrem as ações estratégicas enquanto a busca de um comportamento útil no ouvinte, por parte do sujeito falante.
- A especificidade das relações entre o MV e os subsistemas dirigidos pelos meios, onde vamos encontrar a colonização e instrumentalização do primeiro por parte do segundo.

Qual o paradigma que a TAC adota? Num primeiro momento podemos pensar que MV e Sistemas possuem cada um seu próprio paradigma e que a teoria se fundamenta no seu conflito. Uma análise mais cuidadosa pode apontar para a comunicação humana como o paradigma central do modelo, desdobrada na sua forma comunicativa e estratégica. Na comunicação vamos encontrar, assim, tanto as formas de dominação políticas com a da sua emancipação comunicativa.



Qual a sua proposta ética? Fica claro no modelo a superioridade dos valores originais do Mundo da Vida se comparados com os originais da busca de acumular dinheiro ou obter poder político sobre as outras pessoas. Segue a tradição da escola crítica que coloca a razão substantiva como mais elaborada que a razão racional com respeito a fins. Os valores importantes são essencialmente valores humanos aplicados às relações sociais. Qual a dinâmica das relações sociais? O autor parece iluminista, a espécie humana aprende e melhora com o passar do tempo. Que espaço social se torna objeto de pesquisa? Habermas é um teórico escrevendo uma teoria, porém podemos perceber o MV como maior e mais complexo que as manifestações dos sistemas onde se dão as lutas por maximizar moeda e poder.

Quais são as suas categorias de análise? Ação comunicativa e estratégica, mundo da vida e sistemas dirigidos pelos meios poder e moeda, emancipação e colonização, patologias da modernidade.

2. Foucault (1926-1984)

Michel Foucault nasce em 1926 e morre em 1984. Tem 42 anos de idade no famoso maio de 68 em Paris e está no auge da sua produção e popularidade. Será um autor sempre marcado pela crítica original e radical, pela escolha de temas de pesquisa pouco usuais, por uma oratória e um estilo de escrever que fascinou o público.

O autor crítico será também duramente criticado. Baudrillard (2007), por exemplo, vai publicar um livro *Esquecer Foucault*, cujo título é bem esclarecedor. A intelectual Camille Paglia (s.d, p.1) vai escrever “nunca conheci ou vi Foucault pessoalmente (ele morreu em 1984). Minha opinião negativa sobre ele se baseia inteiramente em seus escritos solipsistas e mentirosos, que tiveram uma influência desastrosa sobre ingênuos acadêmicos americanos. Não perco a oportunidade de atirar dardos nas ancas esqueléticas de Foucault porque ele é o último membro permanente da Tríade Terrível de pós-estruturalistas franceses, cujo trabalho invadiu as universidades americanas na década de 1970 e expulsou o radicalismo local de nossa própria revolução cultural dos anos 1960”. José Guilherme Merquior (1987) também vai publicar um livro criticando de forma objetiva e sistemática de toda a produção do autor francês. Para ele, Foucault usa as fontes historiográficas de forma descontextualizadas, ou intencionalmente alteradas, procurando causar um efeito no leitor, para Merquior o francês faz uma espécie de “literato filosofia”. O próprio Foucault reconhece usar as fontes de dados de uma forma distinta dos estudos comuns em história, procurando desvelar estruturas sociais e de poder que não poderiam ser percebidas de outra forma.

Numa perspectiva iluminista e moderna, Foucault é o grande responsável pelas críticas que sofre e seu método de pesquisa (na verdade é mais um antimétodo ou um não método) não leva à elaboração de relatos que representem a sociedade humana com conteúdo de verdade. Mas é preciso reconhecer que sua obra é original, instigante e que suas descrições muitas vezes



se aproximam de forma inquietante da realidade que nos rodeia, despertando um sentimento de estranheza parecido ao que temos ao ler, por exemplo, Borges ou Kafka.

Na década de sessenta, não só Foucault, mas toda uma série de intelectuais como Sartre, Simone de Beauvoir, Camus, Marcuse ou Horkheimer, entre outros, ocupam um espaço popular e midiático único na história das ciências humanas. Foucault é uma das maiores estrelas desse período e, se por um lado, parece ter gostado de desfrutar de todos os benefícios da posição, por outro, sua obra e o estilo que desenvolve vai tráfegar entre a originalidade do inusual no campo científico e a aparente intenção de simplesmente escandalizar, de *épater la bourgeoisie*.

Foucault vai ser categorizado, inicialmente, como estruturalista, depois como pós-estruturalista e, mais recentemente, como pós-moderno. Há certo consenso com relação a que suas principais influências teóricas seriam Nietzsche e, indiretamente, Freud, como é comum ao grupo de intelectuais com os quais ele circula. Neste contexto, desde o início, a linguagem, ou o discurso, cumpre um papel importante e diferenciado para a compreensão das relações de poder dentro de uma determinada estrutura social.

Talvez a linha de pensamento que melhor caracterize a obra de Foucault seja mesmo a pós-modernidade. O que dá alguma unidade a este campo é a ideia de que é impossível construir um modelo teórico explicativo das relações sociais, já que o sujeito agente da ação não age de forma racional e, conseqüentemente, com suas experiências anteriores. Neste sentido, a sociedade não aprende no tempo, não evolui, pelo menos num sentido que possa ser mensurado e acompanhado.

No modelo de Foucault o pesquisador percebe estruturas ou quadros fixos, definidos numa determinada época e local, que não tem uma relação de continuidade ou evolução um com outro. Em cada um o exercício do poder se apoia num discurso de referência que muda no tempo. Entre uma medicina que prescreve purgantes e sangrias e outra que prescreve o antibiótico e atividade física, não há uma relação de continuidade, uma não é melhor que a outra ou sucessora da outra, são apenas mecanismo de poder fundados em diferentes discursos do saber médico. Foucault, na montagem destas estruturas, vai usar as fontes históricas com alguma liberdade ou, em outras palavras, não vai usá-las da forma comumente aceita para a redação de registros historiográficos. A linguagem, por sua vez, se torna objeto a ser estudado, num contexto de elaboração de enunciados que possibilitam uma forma de poder, sem que necessariamente exista uma “subjetividade fundadora” (Billouet, 2003, p.54), o que vai levar a caracterizar a obra do autor como uma sociologia sem sujeito.

Mas, é preciso reconhecer, Foucault diz coisas que ninguém tinha dito. E a pandemia atual vai trazer ao cenário cotidiano muitas práticas que ele apontou, como o biopoder, o discurso médico como forma de poder, o controle e a assepsia dos corpos tornados dóceis e o medo dos fluídos corporais com o uso de máscaras. Neste caso, o que define a modalidade do tratamento não é a condição de saúde da pessoa e sim o decreto assinado, baseado na opinião de especialistas, ou seja, no discurso do saber médico.

Essa visão sobre o sujeito que deve ser controlado pelos higienistas não é proveniente somente dos problemas encontrados nas instituições, sendo também o resultado de um



discurso sobre a “limpeza” que ainda está presente atualmente, estigmatizando grupos, como aponta Goffman (1980). A estrutura das “Medidas Sanitárias de Segurança” utilizado para designar o local para onde são encaminhadas as pessoas, como por exemplo os hospitais de campanha, representa um eufemismo para designar um local que desrespeita todas as melhorias já conquistadas no campo da saúde, como hospitais de referência.

Qual o paradigma que Foucault adota? Antes de tudo é preciso lembrar que Foucault caminha na trilha iniciada por Nietzsche, portanto não se espera encontrar em sua obra um sujeito racional no sentido kantiano-weberiano. Assim, não se pode falar num modelo de interpretação do comportamento social numa perspectiva iluminista. O que se pode apontar é a existência de categorias recorrentes e determinantes dentro dos diferentes textos. Neste sentido, o elemento central parece ser a relação entre discurso e saber e como o saber só se torna dominação a partir da sua transformação num discurso internamente legitimada.

Qual a sua proposta ética? É a denúncia das formas de dominação sobre os setores subalternos da sociedade. A obra de Foucault é um desvelamento das formas de poder e como ele se manifesta na sociedade de uma forma geral e sistemática.

Qual a dinâmica das relações sociais? Dominação, vigilância e controle. Talvez sua maior contribuição seja a percepção da generalidade do processo, em que todos controlam e são controlados.

Que espaço social se torna objeto de pesquisa? A estrutura, enquanto um recorte da realidade no tempo e espaço que permita ilustrar os processos de dominação e controle.

Quais são as suas categorias de análise? Discurso, saber e poder, vigilância e controle, corpo.

3. Bourdieu (1930-2002)

Pierre Bourdieu corre em uma faixa própria e diferente dos outros dois autores. De origem mais humilde, vai iniciar sua carreira acadêmica na Argélia, como soldado, e nunca terá o carisma libertário e transgressor de Foucault e nem tampouco a chancela prestigiosa de Habermas. Não vai apresentar, também, um texto fundamental onde aponte a essência de sua teoria. Apesar que seus biógrafos apontem *A Distinção: crítica social do julgamento* como sua obra seminal, os textos são esparsos e com categorias de análise de segunda ou terceira mão, como *habitus* e *illusio*.

Ele vai participar ativamente dos debates que atravessam a academia francesa na segunda metade do século passado, dialogando com intelectuais como Sartre ou Althusser, sempre a partir das suas bases na filosofia e na sociologia. No Brasil, Renato Ortiz é quem melhor ilustra esse período assim como sua apropriação no Brasil, principalmente pela área de educação. Este fenômeno traz algumas consequências perceptíveis para a trajetória do autor no país, já que a pedagogia é, por um lado, um campo de pesquisa normativo com referências próprias, por outro, é atravessado por fortes conflitos teóricos e políticos, ilustrados por uma



relação quase militante com a prática acadêmica. Atualmente, Bourdieu tem sido apropriado por outras áreas de pesquisa, podemos citar a sociologia do esporte como um exemplo, o que levou a um resgate de seu pensamento original de uma forma mais ampla.

O autor apresenta uma grande produção de textos onde as categorias de análise campo *habitus* e capital simbólico são recorrentes. A ideia de campo consiste, em resumo, num espaço social delimitado e conhecido onde sujeitos sociais lutam por benefícios materiais e simbólicos a partir de posições reconhecidas pelos membros. O sujeito agente da ação se movimenta e toma decisões a partir do *habitus*, um conjunto de valores e símbolos disseminados no espaço que o sujeito incorpora e adota a partir do lugar que ocupa na sociedade, a ideia de estrutura estruturante estruturada. Os sujeitos sociais buscam maximizar seu capital no campo, compreendido como capital econômico, cultural, social e simbólico. A posição social de indivíduos e grupos passa, ou é determinado, pelo acesso a estes capitais, que vão ser usados na sua reprodução e expansão no tempo. O modelo permite uma descrição rica dos movimentos dos sujeitos sociais no meio, trazendo para análise sua história pregressa e como isso vai determinar a posição atual e as possibilidades de manutenção dos sujeitos mesmo em estruturas diferentes no tempo.

O uso de categorias de análise bastante claras leva a descrições facilmente reconhecíveis, padronizadas e eventualmente mecânicas. O conceito de campo é próximo do conceito de círculo de ação social, ou ainda, cenário ou esferas, utilizado por Weber. Neste mesmo sentido, pensadores weberianos importantes como, por exemplo, Werner Sombart (1913, 1974, 2014), já tinham desenvolvido análises historiográficas ricas, trazendo elementos que Bourdieu, depois, vai resumir como *habitus* e capital material e simbólico.

A exemplo de Habermas e Foucault, Bourdieu também está no lugar certo e na hora certa. Aproveita uma nova geração de leitores que surge no final do século passado e começo do XXI, que rejeita Weber e não conhece seus grandes intérpretes, para apresentar um modelo de análise de fácil aplicação na realidade social imediata e que permite vislumbrar aspectos pouco trabalhados até então. Na perspectiva política vai se alinhar com a crítica ao neoliberalismo, praticamente consenso no ambiente em que ele está atuando, como ilustra seu livro *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*.

Qual é o paradigma que Bourdieu adota? O paradigma em Bourdieu não é tão explícito ou elaborado, como nos dois outros dois autores. A preocupação central é a produção e reprodução das posições dos sujeitos com acesso privilegiado aos bens materiais e simbólicos no tempo. Trata-se, assim, de fazer um desvelamento das formas pelas quais os agentes sociais vão usufruir condições assimétricas de vida. O paradigma central é compreender como a sociedade nos estrutura, a ação condicionada e condicionante, e como aprendemos a jogar o jogo da sociedade.

Qual é a sua proposta ética? Retomando a citação de Maquiavel, feita com relação a Foucault, Bourdieu também parece engajado em mostrar para segmentos sociais mais amplos, como foi no livro *A Distinção*, as formas de formação e reprodução das elites. Neste sentido, a perspectiva ética pode ser vista como um compromisso com a justiça social e a transparência na distribuição de bens materiais e simbólicos entre os membros da sociedade.



Qual é a dinâmica das relações sociais? Os sujeitos sociais buscam ser reconhecidos em seu campo de ação, por meio de poder econômico e/ou simbólico, podendo compreender a doxa social.

Que espaço social se torna objeto de pesquisa? O espaço delimitado pelo campo em que se manifestam as lutas pelos bens materiais e simbólicos entre os sujeitos sociais.

Quais são as categorias de análise? Campo, *habitus* e capitais

Considerações Finais

Podemos resumir o que foi colocado até aqui na tabela a seguir:

| Autores | Paradigma | Ética | Dinâmica das relações sociais | Espaço social de análise | Principais categorias de análise |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Habermas | Construção comunicativa de consensos | Procurar que os valores originais do mundo da vida se sobreponham aos valores dos sistemas | Iluminista, valoriza a capacidade humana de aprender e evoluir. | MV é maior e mais complexo que os sistemas que funcionam ancorados nele. | Ação comunicativa e estratégica. MV/ sistemas dirigidos por meios. Emancipação/ colonização. Patologias. |
| Foucault | Pós-moderno/ Nietzscheano. Discurso legítimo o saber que se relaciona com o poder. Sociologia sem sujeito. | Denuncia formas de poder e controle. Empoderamento dos fracos e subordinados. | Dominação, vigilância e controle generalizado. | Estrutura social (construção teórica ou epistemológica) | Discurso legítimo saber. Vigilância e controle generalizado. Corpo. |
| Bourdieu | Dinâmica das formas de reprodução dos sujeitos em situação de poder na sociedade | Desvelamento da reprodução do poder na sociedade. Justiça social e transparência política | Sujeito social em conflito no campo determinado. | Campo | Campo, <i>habitus</i> e capitais. |

Neste texto buscamos debater de forma ensaística três autores que são referências nas ciências sociais: Habermas, Foucault e Bourdieu.

Para isso fizemos uma pequena biografia e os situamos no momento histórico das suas obras de referência. Os autores discutidos possuem uma vasta produção intelectual e a intenção deste ensaio era apenas apontar aos leitores pistas, caminhos e contextos.



Referências

- Baudrillard (2007). *Forget Foucault*. LA California: Semiotext.
- Billouet, Pierre (2003). *Foucault*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Bourdieu, Pierre (1998). *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fischer, Rosa (1006). *O círculo do poder – as práticas invisíveis de sujeição nas organizações complexas*. In: FLEURY, Maria e FISCHER, Rosa (org.). *Cultura e Poder nas Organizações*. São Paulo: Atlas.
- Foucault, Michel (1986). *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Tradução: Ligia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, Michel (1995). *O sujeito e o poder*. In H. Dreyfus, & P. Rabinow (Org.), *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2008b). *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, Michel (2010b). *O nascimento da medicina social*. In *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal.
- Goffman, Erving (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Goffman, Erving (1996). *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva.
- Gutierrez, Gustavo Luis (2002). *A contribuição da Teoria da Ação Comunicativa para a pesquisa sobre o lazer*. in BRUHNS, H. T., *Lazer e ciências sociais*. São Paulo: Chronos.
- Gutierrez, G.; Bettine, M. (2013). *Teoria da ação comunicativa (Habermas): estrutura, fundamentos e implicações do modelo*, Porto Alegre: Revista Veritas, 58 (1), 151-173.
- Merquior, José Guilherme, (1987). *Foucault, USA*: University of California Press.
- Nietzsche, Friedrich (1998). *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Offe, Claus (1989a). *Trabalho como categoria sociológica fundamental?* In: *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade de trabalho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. V.1, p.14-42. (Biblioteca tempo universitário, n.85. Estudos alemães).
- Offe, Claus (1989b). *Trabalho & Sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho*, (v. I: A crise; v. II: Perspectivas). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.



Ortiz, Renato (org.) (1983). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática.

Ortiz, Renato (org.) (2013). *Notas sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Sociologia & Antropologia, v. 03.05:81-90.

Paglia, Camille (2021). *What I hate about Foucault (O que eu odeio em Foucault)*. Recuperado de <http://www.neoliberalismo.com/Foucault.htm>. [Data de acesso: 08 de agosto de 2021].

Sombart, Werner (2014). *Os judeus e a vida econômica*. São Paulo: UNESP.

Sombart, Werner (1974). *Lujo y capitalismo*. Madrid: Alianza Editorial.

Sombart, Werner (1913). *Der bourgeois*. Munchen und Leipzig: Duncker & Humbolt.